

Autor e autoridade.

Esta sendo discutida na Europa a questao dos direitos autorais, tendo em vista a proliferacao de "copy shops", (lojas copiadoras). O fato de textos, imagens e musicas poderem ser copiados e multiplicados sem controle e em quantidades ilimitadas ameaca a existencia economica dos editores de livros e de discos, e em consequencia a dos autores, (escritores, fotografos, compositores). Trata-se, sem duvida, de questao importante. Mais importante, no entanto, e outra questao que vai aparecendo em tal contexto. A saber a "crise de autoridade". E o contexto permite um acesso novo a tal problema.

Os dois substantivos "autor" e "autoridade" derivam do verbo "augere", o qual significa aproximadamente "provocar crescimento". No entanto, o verbo conota, em latim, nao apenas "aumento", (o verbo "aumentar" e outro derivado de "augere"), mas tambem "confianca". Um exemplo pode ilustrar tal duplo significado: Romulo e o "autor" da cidade, por ter provocado o seu crescimento e por ser a raiz sobre a qual a cidade assenta. E ele o fundador e propagador da cidade, e tambem o seu fundo. Dai terem as "autoridades" romanas funcao dupla: propulsio-nam o impulso provindo do autor rumo ao futuro, e religam a cidade de volta ao autor, para que as seivas fundamentais continuem a nutri-la. A primeira funcao e "ad-ministrativa", e e exercida por "ministros". A outra e "pontifical", (pontes rumo ao autor), e "magistral", e e exercida por "pontifices" e "magistros". A primeira "transmite o autor", (tradicao), a outra religa com ele, (religiao). Ora, a cidade pode apenas existir se tiver confianca em sua base, ("fides"). De maneira que tanto "autor" quanto "autoridade" sao conceitos localizados no terreno tradicional e religioso. Vista etimologicamente, a tal "crise de autoridade" e pois crise de confianca, ("credibility gap"), crise da fe religiosa.

Nao apenas etimologicamente, e a atual discussao em torno dos direitos autorais o prova. A multiplicacao incontrolavel e excessiva, ("copia" em latim significa "abundancia"), mostra que autoridade em sua funcao propagadora esta sendo tornada inoperante. A coisa se processa automaticamente, e nao mais necessitamos nem de "tradicao" nem de "ministros". E a fidelidade das copias, as quais reproduzem os originais ponto por ponto, mostra que autoridade em sua funcao religadora esta se tornando inoperante. A coisa se processa automaticamente, e nao mais necessitamos nem de "religiao" nem de "mestres". A autoridade esta em crise, porque esta ficando redundante. A tarefa dos administradores e dos fiadores, (nao apenas a dos editores e fabricantes de discos, mas tambem a dos ministerios e das escolas, da administracao publica e dos agentes culturais), pode ser doravante exercida mais eficientemente por aparelhos automaticos multiplicadores.

Necessitamos apenas de originais e de aparelhos multiplicadores. Parece portanto que continuamos necessitando de autores. Nao sao eles os que "provocam o crescimento" dos originais, seus fundadores, aumentadores e raizes? Portanto: abaixo os ministros e os mestres, mas que continue vivendo Romulo? Por certo: isto e assim, mas apenas provisoriamente, e nao por muito tempo. Originais podem ser "provocados a crescerem" por aparelhos. Imagens podem ser feitas por aparel-

nos fotograficos, composicoes musicais por computadores, textos por word processors. Por enquanto tais originais nao sao muito impressionantes, (a nao ser em casos excepcionais), mas estamos apenas no inicio de um desenvolvimento. Romulo deixa de ser indispensavel. Ora, o impulso dado aos aparelhos para que produzam originais nao provem de "autores", mas de "programadores", os quais podem, eles tambem, ser aparelhos. Os "copy shops" mostram, quando analisados, que autores sao dispensaveis a longo prazo. Nao apenas autores do tipo fotografo e escritor, mas tambem do tipo legislador, como o sao os Founding Fathers, Marx e ate os profetas inclusive Cristo. Tudo isto e em tese programavel. A autoridade esta em crise, porque a tradicao e a fidelidade se mantem automaticamente, e porque os autores, que exigem tradicao e fidelidade, sao dispensaveis.

"Fidelidade" e "fe" sao termos que se co-implicam. As copias mantem automaticamente fe nos originais, (sao fieis), e os originais mantem automaticamente fe nos seus programas. Tao grande e a fe e a fidelidade, que nao mais e possivel distinguir-se entre original e copia: "unio mystica". A fe e coisa de aparelhos. Quanto aos homens, estes se limitam a programar os aparelhos, a funcionar em funcao dos aparelhos, e a consumir os multiplos produzidos por aparelhos. Seria absurdo se quizessem confiar em algo ou desconfiar de algo.

A discussao em torno dos "copy shops" procura superar a crise alterando as regras do jogo. Por exemplo reformulando a lei do copyright. Nao e assim que a confianca nos autores e nas autoridades pode ser restabelecida. Nenhum autor e nenhuma autoridade e fiavel, por serem redundantes. A "credibility gap" e a automaticidade. E preciso reformular, nao as regras do jogo, mas o jogo todo. Por exemplo traduzindo o mito de Romulo e a estrutura politica de Roma em termos informaticos e ciberneticos. Porque na programacao e na multiplicacao nao mais se trata de criar e transmitir "valores objetivos", mas informacoes sem fundo objetivo. As informacoes se deslocam de suporte em suporte, e ninguem pode possui-las, ja que nao assentam firmemente sobre nada. O dinheiro e medida de valores. Autores e autoridades nao podem querer ganhar dinheiro, mas programadores e media podem. Sao funcionarios de aparelhos que os sustentam. E aonde nao ha valores, nao ha autor nem autoridade, e nao ha confianca em nada.

Isso nao e hino de louvor ao novo deus Xerox. E, pelo contrario, elegia a especie "autor" em vias de extincao irrevogavel. "I came to bury Romulus, not to praise him".